

BIOÉTICA EM CUIDADOS PALIATIVOS: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O RESPEITO E QUALIDADE DE VIDA DO PACIENTE COM CÂNCER

Edna Corrêa Moreira¹

Bioética: breve contexto histórico

A Bioética tem seu nascimento, no final da década de sessenta, em um contexto de alerta diante do acelerado desenvolvimento da ciência e seu mal uso. O momento era de atenção para a “garantia” da manutenção das gerações futuras, sim, parece alarmismo, mas se tratava de reunir meios para assegurar a sobrevivência dos seres vivos. Era uma questão urgente repensar o uso da tecnologia de modo que a vida com qualidade fosse preservada.

Assim, a Bioética é chamada enquanto promotora e protetora da vida, com qualidade, e isso não é diferente nos Cuidados Paliativos, no qual está é invocada para que o uso da tecnologia vise o alívio do sofrimento e a qualidade de vida respeitando os valores da pessoa com doença crônica grave, dentre elas o câncer.

Potter, um grande cientista, teórico e sistematizador da Bioética defende que o agir deveria ser definido pelo prefixo ‘bio’, em outros termos, uma ética aplicada em prol da vida, em detrimento de quaisquer outros interesses. A preocupação com a vida deve pautar o desenvolvimento e a utilização da ciência. Para tanto, Potter ressentia-se da emergência de uma nova sabedoria que fizesse bom uso do conhecimento, haja vista a população mundial já ter experimentado historicamente tantos danos em nome do progresso científico e socioeconômico.

Para o autor, a sociedade moderna vivia o fenômeno do conhecimento perigoso, em que uma avalanche de novos conhecimentos ia se sobrepondo sem que houvesse espaço para reflexão quanto à proporcionalidade e racionalidade de seu uso. Não há ingenuidade no uso do conhecimento, e uma vez que este é poder, sempre que possível será usado para obtenção de

¹ Assistente social dos Cuidados Paliativos do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Presidente fundadora da Comissão de Cuidados Paliativos do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Atual vice-presidente da Comissão de Cuidados Paliativos do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa do DIHS/ENSP/FIOCRUZ; mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pelo IMS/ UERJ/PPGBIOS. Especialização em Cuidados Paliativos pelo Instituto Einstein. Especialização em Direito e Saúde pelo DIHS/ENSP. Especialização em Geriatria e Gerontologia pela UNATI/UERJ. Professora convidada da disciplina de Bioética e Saúde Coletiva, da Especialização em Cuidados Paliativos com ênfase na Atenção Básica, da ENSP/FIOCRUZ

poder. Assim, o conhecimento em prática é sempre ameaça em potência, pois ninguém se preocupa com o conhecimento “engavetado”, sendo os usos conferidos que o torna perigoso ou útil.

Deste modo, paira uma insegurança quanto continuidade da vida com qualidade, pois as áreas das Ciências romperam com as áreas das Humanidades. A comunicação entre as partes fora extremamente prejudicada pelos interesses antagônicos e conflituosos que insistiam em distanciá-las. Logo, a Bioética surge como uma ponte que favorece a comunicação, o diálogo entre as áreas, no dizer de Potter, como uma ponte para o futuro.

Cuidados Paliativos e Bioética: um encontro potente para a qualidade de vida dos pacientes com câncer

Retomando a questão do agir orientado para a defesa da vida, do prefixo “bio” da Bioética, os Cuidados Paliativos têm uma estreita identificação com este ideal. Dentre os pilares que fundamentam a prática nos Cuidados Paliativos estão tanto a qualidade de vida quanto o respeito aos valores dos pacientes com doenças crônicas graves, como o câncer, sem prescindir dos benefícios que a ciência possa proporcionar.

Potter de maneira alguma quis reduzir a importância e validade da ciência, no entanto, “denunciou” a incapacidade da medicina/ciência de restaurar uma vida com significado aos pacientes que se serviam dela. A utilização fria e protocolar dos recursos tecnológicos raramente se traduz em acolhimento e cuidado, porque evidencia o distanciamento das áreas das Ciências e Humanidades. É necessário um olhar humano que seja presença viva que se utilize da tecnologia para o bem-estar da pessoa com doença crônica grave. A ordem deve ser sempre, a tecnologia a serviço da vida com qualidade.

Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra que se dedicou ao estudo da tanatologia e do luto também fez relevantes críticas, no final da década de sessenta, acerca do mal uso da ciência, a autora afirma:

Se pudéssemos ensinar aos nossos estudantes o valor da ciência e da tecnologia, ensinando a um tempo a arte e a ciência do inter-relacionamento humano, do cuidado humano e total ao paciente, sentiríamos um progresso real. Se não fosse feito mal uso da ciência e da tecnologia no incremento da destruição, prolongando a vida em vez de torná-la mais humana; se ciência e tecnologia pudessem caminhar paralelamente com maior liberdade para contatos de pessoa a pessoa, então poderíamos falar realmente de uma grande sociedade (Kübler-Ross, 2017, p.22).

Falar de Cuidados Paliativos, de respeito aos pacientes com câncer e qualidade de vida é falar de Cicely Saunders, sua pioneira. Sua prática resultou numa mudança expressiva do olhar para os pacientes e suas reais necessidades em detrimento do agir voltado para a tecnologia e para a doença.

Seu olhar cuidadoso para a pessoa, um ser singular, clamava por uma postura respeitosa dos valores pessoais e bioéticos como a dignidade e a subjetividade, por exemplo, fazendo de Cicely um referencial para a propagação da filosofia dos Cuidados Paliativos.

Saunders, na construção dos Cuidados Paliativos deixa clara a necessária afirmação dos pacientes como pessoas com histórias de vidas e valores singulares que deveriam ser alvos de cuidado que não aniquilasse suas subjetividades. Não se trata de desprezo ao conhecimento técnico, mas de sua utilização em harmonia com a presença cuidadosa, e o respeito aos valores bioéticos que fazem sentido para cada paciente.

Somente assim, priorizando a pessoa se faz possível o cuidado assertivo e eficaz, a autora nos diz: [...] não apenas eficiência, mas também compaixão. Eles precisavam de calor humano, amizade, assim como um bom cuidado técnico (Saunders, 2018, p. 23).

Os Cuidados Paliativos não representam um não fazer, mas um fazer com proporcionalidade e respeito ao paciente. A consideração dos princípios bioéticos favorece o bom uso do suporte tecnológico com racionalidade, priorizando conforto e qualidade de vida aos pacientes com doenças crônicas graves como o câncer, que estejam em acompanhamento pelos Cuidados Paliativos. Assim sendo, o encontro destas duas áreas representa um potencial imensurável para o cuidado eficaz, para a promoção da qualidade de vida e respeito ao paciente com câncer.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, A. O. V. *Múltiplos enfoques sobre a morte e o morrer*. In: Conflitos bioéticos do viver e do morrer/Organização de Rachel Duarte Moritz; Câmara Técnica sobre a Terminalidade da Vida e Cuidados Paliativos do Conselho Federal de Medicina. – Brasília: CFM; 2011. p. 141-155.

KÜBLER-ROSS, E. *Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes*. Trad. Paulo Menezes. 10ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

POTTER, Van Rensselaer. *Bioética: ponte para o futuro*. Trad. Diego Carlos Zanella. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

RICOEUR, P. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SAUNDERS, C. *Velai comigo-inspiração para uma vida em Cuidados Paliativos*. Trad. Franklin Santana Santos. Editor FSS, 2018.